

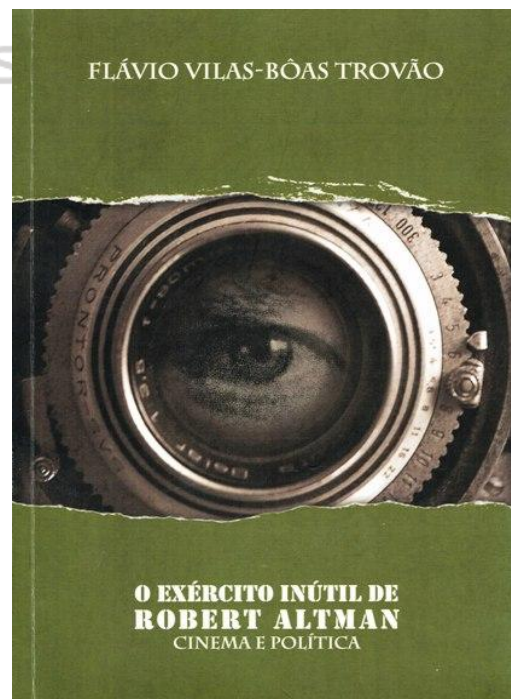


**HISTÓRIA, CINEMA, POLÍTICA: *O EXÉRCITO INÚTIL*  
(ROBERT ALTMAN, 1983)**

**HISTORY, FILM, POLITICS: *STREAMERS* (ROBERT  
ALTMAN, 1983)**

**Guilherme de Souza Zufelato\***  
**Universidade Federal de Uberlândia - UFU**  
[guilhermezufelato@gmail.com](mailto:guilhermezufelato@gmail.com)

Seis homens da tradicional divisão *Airborne* de ataques aéreos do Exército Americano aguardavam, aquartelados na Virginia, Estados Unidos, entre os anos 1965 e 1969, para serem enviados ao Vietnã. O presidente do país nesse período era Lyndon B. Johnson, e entre aqueles homens, conhecidos como "*airbornes*", estavam os soldados especialistas em paraquedismo Billy, Richie, Roger e Carlyle, além dos sargentos Rooney e Cokes. A caserna onde viviam Billy, Richie e Roger tornara-se palco de dois assassinatos em decorrência de tensões e conflitos motivados a partir da chegada de Carlyle neste espaço, quem fazia parte da



---

\* Mestrando em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), sob orientação do Prof. Dr. Alcides Freire Ramos. Bolsista CAPES. Integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC).

Companhia "P", operando várias funções de trabalho, e por isso habitava outro barracão que não aquele dentro do quartel. Os três outros soldados eram denominados *No Dutys* ("sem obrigações").

Roger e Carlyle eram ambos soldados negros. À diferença de Roger, Carlyle vivia em conflito com as regras do Exército. Richie, por sua vez, desejava seduzir Billy, quem em defesa da tradição dos valores morais americanos não correspondia às investidas do colega. Já Carlyle não via problemas em relacionar-se sexualmente com Richie. Convicto, pensava que Roger e Billy já o faziam. As tensões em torno dessas questões raciais e sexuais só aumentaram com o tempo, e por causa dos desentendimentos provocados por Richie entre Carlyle e Billy, os assassinatos foram cometidos. Assassinatos de Richie e do sargento Rooney cometidos por Carlyle.

Essa é a história resumida de *Streamers*, texto dramático escrito por David Rabe de fins dos anos 1960 ao verão de 1975, a partir de suas experiências como soldado pelo Exército Americano no Vietnã em 1966. Na realidade, ao retornar da guerra à sua casa nos Estados Unidos, Rabe dedicou-se nos dois anos subsequentes à confecção de três textos ao teatro sobre a Guerra no Vietnã e, por intermédio desse esforço diário de escrita, compôs o esboço do que viria a ser o primeiro dos dois atos da peça *Streamers*, pela qual seu trabalho como dramaturgo foi reconhecido pela crítica de teatro norte-americana logo nos primeiros meses do ano de 1976, quando houve as primeiras montagens de *Streamers* em importantes espaços teatrais das cidades de New Haven e New York, e a peça daí em diante venceu prêmios dos mais conceituados na área teatral nos Estados Unidos.

Nessa mesma época, o cineasta Robert Altman aproximou-se de David Rabe e os dois iniciaram um projeto comum para adaptação ao cinema da história narrada em *Streamers*. Essa empreitada só se efetivaria no ano de 1983, com parte dos investimentos financeiros à produção fílmica de *Streamers* desembolsada pelo próprio Altman. Meio milhão de dólares! Mas o que é isto para as indústrias cinematográficas? Em território brasileiro, o filme, sob o título *O Exército Inútil*, foi exibido em 1984.

É precisamente dessas e outras histórias sobre as questões suscitadas à luz de *O Exército Inútil* (1983) de Robert Altman que o historiador Flávio Vilas-Bôas Trovão buscou historiar em sua tese de doutoramento defendida em meados de 2010 pelo Departamento de História da Universidade de São Paulo, sob orientação do professor

Dr. Arnaldo Daraya Contier. Tese que ganhou o mercado editorial pela Anadarco Editora, no ano de 2012<sup>1</sup>.

É notório que uma das preocupações dos historiadores de ofício desde os anos 1960 vai no sentido do aprofundamento das investigações das relações possíveis existentes entre história e cinema, seja das perspectivas de investigação dos modos e condições de produção e/ou a partir das análises fílmicas propriamente ditas e/ou, ainda, das interpretações da recepção histórico-estética das obras. Nesse contexto, para sua operação historiográfica, Flávio Trovão resolveu inventar *O Exército Inútil* de Robert Altman como seu objeto de análise por razões específicas, assim justificadas: "a relevância do tema para a cinematografia da época (filmes sobre a Guerra do Vietnã produzidos nos anos 1980) e a relevância do diretor para a cinematografia americana"<sup>2</sup>. Diante disso, a hipótese a partir da qual Trovão buscou narrar uma história foi:

[...] a análise fílmica de *O Exército Inútil* permite uma leitura crítica de sua época, quando políticas conservadoras atingiram, sobretudo, as conquistas sociais que as comunidades negras e homossexuais haviam desenvolvido na década anterior. Dessa forma, procuramos identificar, no filme, pontos de diálogo, tensão e conflito com as políticas implementadas no início do governo de Ronald Reagan [1981-1983]<sup>\*</sup>, por meio da análise tanto da representação das personagens e as situações por elas vividas, como também, dos processos de produção fílmica (imagem, divulgação e opções estéticas), articulando-os com a crítica especializada (revistas e jornais dedicados à crítica cinematográfica) e a bibliografia sobre o período, para estabelecer a relação entre cinema e política nos Estados Unidos no início dos anos 1980<sup>3</sup> (destaque nosso).



<sup>1</sup> TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. **O Exército Inútil de Robert Altman: cinema e política** (1983). - São Paulo: Anadarco Editora, 2012, 192p. Convém destacar aqui, a nota escrita por Flávio Trovão ao final da *Apresentação* de sua obra: "Optamos em publicar o texto apresentado à banca de defesa de doutoramento junto ao Departamento de História da Universidade de São Paulo, em agosto de 2010, composta pelos professores Dra. Ana Maria de Oliveira Burmester, Dra. Mary Anne Junqueira, Dr. Eduardo Victorio Morettin, Dr. Marcos Eugênio Napolitano, presidida (e orientado) pelo professor Dr. Arnaldo Daraya Contier, a quem somos imensamente gratos. As alterações feitas para essa publicação se limitaram a revisões ortográficas e alterações nas notas de rodapé, mantendo a integridade original do texto" (s/p.).

<sup>2</sup> TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. Introdução. In: \_\_\_\_\_ **O Exército Inútil de Robert Altman: cinema e política** (1983). - São Paulo: Anadarco Editora, 2012, p. 28.

<sup>\*</sup> Ronald Reagan governou os Estados Unidos entre os anos 1981-1984 e 1984-1988. Entretanto, a data por nós aí referida entre colchetes (1981-1983) refere-se ao início do primeiro governo Reagan e ao ano do lançamento de *O Exército Inútil* de Robert Altman (Cf. TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. Roger e Carlyle: os retratos da comunidade negra em *O Exército Inútil* e nos Estados Unidos no início dos anos 1980. In: Ibid., p. 28).

<sup>3</sup> TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. Introdução. In: Ibid., p. 28.

Por intermédio das passagens sublinhadas, entrevemos a estruturação da urdidura narrativa da investigação historiográfica elaborada por Trovão. Ao situar a problemática entre história e cinema na Introdução de sua obra, Trovão busca delinear alguns "critérios metodológicos"<sup>4</sup> a partir da ressignificação desse complexo debate, pela interpretação das recepções críticas de obras mais clássicas como a de Marc Ferro por parte de renomados historiadores, há muito estudiosos das relações entre cinema e história no Brasil, como os estudiosos Alcides Freire Ramos, Maria Helena R. Capelato, Marcos Napolitano e Eduardo Morettin<sup>5</sup>. Assim, pensando *O Exército Inútil* de Altman, Trovão conceitua o chamado "filme histórico", com base nos estudos de Pierre Sorlin<sup>6</sup>, e preocupa-se ainda com o modo pelo qual os historiadores pensaram o cinema estadunidense ao longo dos tempos, levando aí em conta as reflexões de Kenneth Short<sup>7</sup> sobre os aspectos da indústria fílmica (como "cartazes de divulgação, entrevistas e críticas cinematográficas"), bem como as de Robert Rosenstone<sup>8</sup> acerca da escrita fílmica do passado pelo cinema, ou, criação de "universos históricos" cinematográficos.

Flávio Trovão esquadrinha assim aos olhos do leitor, na trama, seus objetivos. A análise de *O Exército Inútil* (1983) de Robert Altman evidencia questões políticas e sociais que tornam possível a observação desses mesmos aspectos na sociedade norte-americana no início dos anos 1980, embora a narrativa fílmica esteja ela própria ambientada num "passado histórico" atinente à Guerra no Vietnã, no período entre os anos 1965-1969 da presidência de Lyndon B. Johnson. O filme, nesse sentido, é tomado pelo autor como um "jogo de representações" (Michel Foucault) da própria sociedade que o produz<sup>9</sup>. Mas tais objetivos implicam, também, considerar o "contexto histórico" das condições de produção da indústria fílmica hollywoodiana<sup>10</sup>.

Neste aspecto, no que se refere principalmente à confecção narrativa empreendida pelo historiador aos capítulos 2 e 3 de seu trabalho<sup>11</sup>, nos quais é maior sua

---

<sup>4</sup> Ibid., p. 22-23

<sup>5</sup> Ibid., p. 14-16.

<sup>6</sup> Ibid. 17-19.

<sup>7</sup> Ibid. 20-21.

<sup>8</sup> TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. Introdução. In: Ibid., p. 21-22.

<sup>9</sup> Ibid. p. 25-26.

<sup>10</sup> Ibid. p. 23.

<sup>11</sup> O capítulo 2 da obra de Trovão intitula-se "Roger e Carlyle: os retratos da comunidade negra em *O Exército Inútil* e nos Estados Unidos no início dos anos 1980" (p. 75-108). Já o capítulo 3: "A questão homossexual em *O Exército Inútil* e nos Estados Unidos no início dos anos 1980" (p. 109-144).

atenção à questão do contexto histórico simultaneamente à análise da obra fílmica de Altman, Trovão parece estar de olhos bem abertos à ideia em acordo com a qual contextualizar seu objeto de pesquisa não é senão operar uma construção historiográfica a partir de documentos históricos e/ou pesquisas produzidas por outros estudiosos<sup>12</sup>. Para o historiador Alcides Freire Ramos,

de qualquer maneira, ao falarmos em construção, em leitura dos documentos disponíveis, não devemos ter em mente a possibilidade de recobrir tudo, de esgotar as possibilidades [no processo historiográfico de contextualização]. Por isso, as descontinuidades, as fissuras, lapsos, etc., que constituem este contexto devem ser incorporados, ao invés de escamoteados mediante artifícios. Contextualizar, portanto, é buscar estabelecer novas significações para o objeto, analisando, justapondo, comparando ou contrapondo diferentes documentos históricos. E tudo é, como sabemos há bastante tempo, o produto de escolhas, muitas vezes arbitrárias. No entanto, não menos válidas<sup>13</sup>.

Sob tal perspectiva, por estabelecer como "ponto nodal" de toda a pesquisa, a obra fílmica *O Exército Inútil*, Trovão opera com o que chamou de "três eixos de análise", em torno dos quais seus quatro capítulos de tese serão pensados. De alguma forma, como veremos, esses eixos já transpareciam aos nossos olhos desde aquela pequena passagem por meio da qual pudemos entrever, grifo a grifo, a urdidura narrativa da investigação de Trovão. Os eixos interpretativos seriam então (I) o das questões homossexuais, (II) dos conflitos étnicos e, por fim, (III) das modificações pelas quais passava *Hollywood* em termos econômicos e políticos. Todos esses três eixos de questões foram, a partir do filme, percebidos na própria sociedade norte-americana do início dos anos 1980. É o filme como "jogo de representações".

Assim, no capítulo 1, "*O Exército Inútil* de Robert Altman", Flávio Trovão preocupou-se, primeiramente, com as questões em torno das motivações e condições de produção de *Streamers* por David Rabe, a qual, como vimos, fora peça produzida entre os anos 1967-1975, e a que deu origem à obra fílmica de Altman poucos anos depois, no início da década seguinte. Em seguida, Trovão buscou analisar a recepção crítica do

---

<sup>12</sup> Cf. RAMOS, Alcides Freire. A conjuntura política (1964-1972) e Os Inconfidentes. In. \_\_\_\_\_ **Canibalismo do Fracos**. Cinema e História do Brasil. - São Paulo: EDUSC, 2002, p. 267-324.

<sup>13</sup> Ibid., p. 270.

filme, na época de sua exibição em 1983. Este último ponto nos provoca talvez um maior interesse porque, em nota de rodapé, o historiador evidencia seus caminhos de interpretação, pelos quais confeccionou a narrativa dessa parte da investigação. Na realidade, no ato de leitura das críticas sobre o filme, subjazera dessas letras impressas sob os olhos de Trovão, as características de um debate travado entre, de um lado, a cinematografia europeia e, no extremo oposto, a realizada, na mesma época, em *Hollywood*. Isto fica bastante claro ao observarmos um pequeno trecho daquela nota:

Quando iniciamos a análise das críticas, essa questão [do debate] nos chamou a atenção pela defesa que o filme recebeu entre os resenhistas europeus e, ao mesmo tempo, as críticas que se dirigiam às mudanças vistas em Hollywood na época. Tal debate nos levou a trilhar um caminho pelo qual observássemos qual era, afinal, a *diferença* pontuada pelos críticos europeus e em que se baseavam<sup>14</sup>.

Entretanto, a profundidade dessa temática foi tamanha, na interpretação das críticas cinematográficas<sup>15</sup> e, por este motivo, decidiu-se que melhor seria criar outro capítulo para tratar dessas questões subjacentes. Eis aí como surgiu no processo de desenvolvimento da tese de Trovão, o último capítulo da *sua* história. Entretanto, detenhamo-nos sobre alguns temas apontados pelos críticos de cinema a respeito de *O Exército Inútil* na época de sua exibição. Destacaram-se recorrentes, sem uma ordem prévia e/ou hierárquica, (I) os aspectos atinentes ao processo de trabalho da adaptação cinematográfica do texto dramaturgic *Streamers* de Rabe por parte de Altman; (II) o prêmio de "Melhor Ator", excepcionalmente concedido ao conjunto do elenco de atores que representaram no filme, pelo Festival de Veneza em 1983; e (III) as especulações sobre as opções estéticas de Altman na confecção de seu universo fílmico, isto é, suas concepções estético-políticas<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. O Exército Inútil de Robert Altman. In: \_\_\_\_\_ **O Exército Inútil de Robert Altman: cinema e política** (1983). - São Paulo: Anadarco Editora, 2012, p. 45.

<sup>15</sup> Não é muito extensa a listagem das críticas pesquisadas por Trovão. Mas, ao longo da sua narrativa, podemos perceber a densidade dessas fontes: "Foram encontradas referências sobre *O Exército Inútil* nas seguintes revistas cinematográficas: *Cahiers du Cinéma*, *Positif* e *Jeune Cinéma*, na França; *Cinema Nuovo* e *Cineforum*, na Itália; *Monthly Bulletin*, na Inglaterra; e *Film Comment*, nos Estados Unidos. As resenhas foram publicadas nos jornais *The New York Times*, nos Estados Unidos; *Folha de S. Paulo* e *Folha da Manhã*, no Brasil. Tivemos acesso, ainda, a dois textos isolados, escritos por Gerard Pleki, em livro de sua autoria sobre Robert Altman e do historiador brasileiro Luiz Nazário, em material produzido para a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo" (TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. Introdução. In: *Ibid.*, p. 24-25).

<sup>16</sup> TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. O Exército Inútil de Robert Altman. In: *Ibid.*, p. 45.

Desses pontos de vista, provavelmente, foi que Trovão retirou consequências analíticas também à estruturação dos subitens componentes do capítulo 1. Ganharam assim espaço para existência, em sua narrativa, as tensões e conflitos vivenciados pelas personagens no interior da caserna onde viviam, tomada como representação da sociedade americana do início dos anos 1980<sup>17</sup>. A questão do "[...] caráter *antibélico* que *O Exército Inútil* apresenta"<sup>18</sup>, já que as situações representadas no filme trazem à tona, sobretudo, a violência psíquica (por causa dos conflitos raciais e sexuais entre as personagens), que é com certeza tão ruim quanto as vivências no campo de batalha propriamente dito<sup>19</sup>. A relevância dos festivais de cinema em geral, para a cinematografia de Altman a partir dos anos 1980, a partir das mudanças de ordem econômica e política operadas pelo governo Reagan e, como que num reflexo, igualmente por *Hollywood*<sup>20</sup>. Os aspectos empregados na configuração do cartaz de *O Exército Inútil* como sendo um "filme de arte"<sup>21</sup>. E, ainda, outros meios e formatos de divulgação, ou veiculação, da referida obra fílmica<sup>22</sup>.

Como se vê, as críticas cinematográficas desempenharam um papel bastante importante na pesquisa de Flávio Trovão, porque, ao que parece, muito além de quaisquer outras questões (embora essas certamente não sejam menos importante), foram os críticos que, por assim dizer, forneceram a base de estruturação da própria tese ao autor. Essa afirmação parece pertinente também com relação aos capítulos 2 e 3, respectivamente, "Roger e Carlyle: os retratos da comunidade negra em *O Exército Inútil* e nos Estados Unidos no início dos anos 1980" e "A questão homossexual em *O Exército Inútil* e nos Estados Unidos no início dos anos 1980". Como tudo indica, suas estruturações partiram, pelo menos em parte, dos temas trazidos à tona pelas análises do que os críticos disseram, principalmente, a respeito dos conflitos étnicos entre as personagens Roger e Carlyle<sup>23</sup> e da temática da homossexualidade presente nas relações

---

<sup>17</sup> Cf. Ibid. p. 50-54.

<sup>18</sup> Ibid., p. 55.

<sup>19</sup> Cf. Ibid., p. 55-59.

<sup>20</sup> Cf. Ibid., p. 65-68.

<sup>21</sup> Cf. Ibid., p. 69-70.

<sup>22</sup> Cf. Ibid., p. 70-73.

<sup>23</sup> TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. Roger e Calyle: os retratos da comunidade negra em *O Exército Inútil* e nos Estados Unidos no início dos anos 1980. In: Ibid., p. 78-86.

das personagens Richei e Carlyle (além de, possivelmente, Billy).<sup>24</sup> Mas se tal interpretação for válida, tais questões não se dão, de forma alguma, em prejuízo das análises de Trovão acerca da recepção crítica aí mencionada.

Como dissemos anteriormente, há nos capítulos 2 e 3 uma maior atenção dispensada pelo historiador à questão da construção de um contexto histórico relativo aos Estados Unidos no início da década de 1980, simultaneamente à análise da obra fílmica de Altman, dessa vez, a partir de sua recepção. Com esse movimento narrativo, Trovão opera sua contextualização das questões que o filme nos motiva, de modo que sempre retorna à obra fílmica ao final dessas operações, a fim de interpretar as opções político-estéticas de Altman no momento da confecção de *O Exército Inútil*. Revela-nos Trovão assim, ao que parece, tratar-se de um método de compreensão do 'texto' (filme) pelo 'contexto' (Estados Unidos no início dos anos 1980) e, de volta, pelo 'texto'. O mesmo parece ocorrer com a narrativa historiográfica atinente ao capítulo 3, embora haja nele, especificamente, como que uma inversão na ordem do discurso historiográfico. Isto pode ser dito porque o historiador parece alterar aí o sentido de sua investigação, na tentativa de compreender, não mais o 'texto' pelo 'contexto', mas, ao contrário, a situação vivida pelos homossexuais nos Estados Unidos no início dos anos 1980, a partir da análise da própria estrutura fílmica de *O Exército Inútil*.<sup>25</sup>

Há, além disso, ainda uma diferença importante naquele capítulo 2, porque no processo de contextualização, torna-se capital à interpretação de Trovão a obra *Estado de Exceção* de Giorgio Agamben, a qual permite um refinamento de sua crítica dos efeitos das políticas do primeiro governo Reagan (1981-1984) sobre a comunidade negra, excluída e representada no interior do próprio sistema carcerário<sup>26</sup>. Agora parte-se aí da sociedade para o filme, o que assemelha, em parte, ambos os capítulos 2 e 3 da obra do historiador. Não podemos esquecer que os assassinatos de Richie e do sargento Rooney cometidos ao final da intriga fílmica por Carlyle no 'palco' da caserna, levam-no à prisão.

---

<sup>24</sup> TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. A questão homossexual em *O Exército Inútil* e nos Estados Unidos no início dos anos 1980. In: *Ibid.*, p. 111-125.

<sup>25</sup> Cf. TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. Roger e Calyle: os retratos da comunidade negra em *O Exército Inútil* e nos Estados Unidos no início dos anos 1980. In: *Ibid.*, p. 83-108; Id. A questão homossexual em *O Exército Inútil* e nos Estados Unidos no início dos anos 1980. In: *Ibid.*, p. 125-144.

<sup>26</sup> TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. Roger e Calyle: os retratos da comunidade negra em *O Exército Inútil* e nos Estados Unidos no início dos anos 1980. In: *Ibid.*, p. 105-108.



Já no capítulo 4, "Robert Altman e Hollywood no início dos anos 1980", último da obra de Flávio Trovão, são colocadas em xeque pelo historiador, as relações estabelecidas entre Altman e a chamada "política de autores"<sup>27</sup> (eis o primeiro ponto), os entrelaçamentos de *Hollywood* com as políticas conservadoras cometidas pela governança do presidente Reagan (eis o segundo), além das inversões, por assim dizer, nas narrativas do cinema hollywoodiano na década de 1980, a respeito da Guerra no Vietnã (eis o terceiro). Como se vê, nesse momento de sua urdidura historiográfica, Trovão busca debruçar-se sobre "[...] o próprio universo cinematográfico americano da época"<sup>28</sup>. Detenhamo-nos, nessa resenha, sobre o primeiro dos pontos apenas.

Com efeito, havia em meio à recepção crítica, a construção de uma imagem de Altman enquanto produtor de filmes "*autorais*", embora em seu caso numa posição dita "*outsider*" relativamente à indústria cinematográfica hollywoodiana. Na realidade, conta-nos Trovão, não é de hoje que a crítica buscou estabelecer uma contraposição entre os chamados "cinema autoral" e "cinema comercial"<sup>29</sup>. Os críticos franceses, por exemplo, partiam de um conceito de autoria para o qual, no caso de um filme, enquanto obra de arte, o diretor deveria ser responsável por todo seu processo de confecção, isto é, desde escrever o roteiro até financiar e dirigir toda a obra. Nesse sentido, "[...] o diretor é o autor e seu filme é considerado como uma obra que reflete seu caráter artístico"<sup>30</sup> (destaque nosso). Como dissemos em outro momento, os aspectos empregados na configuração do cartaz de *O Exército Inútil* foram pensados a partir de sua concepção como sendo um "filme de arte".

Mas, Trovão examina minuciosamente alguns exemplos que tornam bastante claro que Altman, a despeito de seus esforços, não era bom administrador financeiro no momento da produção de suas obras<sup>31</sup>. Ou seja: o cineasta Robert Altman não se

---

<sup>27</sup> Sobre isso, em especial, Flávio Trovão escreve o seguinte: "Entre as décadas de 1950 e 1970, para um diretor ser reconhecido pela crítica como *autor* e uma *obra cinematográfica*, ele deveria satisfazer alguns procedimentos considerados fundamentais para um cinema mais autônomo e, dessa forma, voltavam-se para uma concepção 'artística' em vez de 'mercadológica'. Os editores franceses da revista *Cahiers du Cinéma*, Jean-Luc Godard e François Truffaut, que tornaram-se também cineastas, foram os principais responsáveis pela conceituação e difusão da *política de autores*. Tal política baseava-se no princípio de que o cinema, antes de ser um produto comercial, era um campo de arte e, enquanto tal, deveria ser o seu artista, o autor da obra" (TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. Robert Altman e Hollywood no início dos anos 1980. In: *Ibid.*, p. 150).

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 147.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 149.

<sup>30</sup> TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. Robert Altman e Hollywood no início dos anos 1980. In: *Ibid.*, p. 150.

<sup>31</sup> Cf. *Ibid.*, p. 153-155.

enquadrava totalmente naquela concepção de "política de autores". Por outro lado, o historiador interpreta como um equívoco, por parte dos críticos, considerarem Altman nessa fase como um "exilado" da indústria de *Hollywood* e, por isso, mais afeito ao cinema "autoral" europeu. Altman, nesse sentido, não era em verdade um *outsider*, "[...] mas sim, fora direcionado para outros projetos de menor aporte financeiro"<sup>32</sup>. Poderia entretanto ser considerado um "autor" no sentido segundo o qual escreve, sobre esse assunto, Michel Foucault<sup>33</sup>, pois "[...] a cinematografia de Altman acabou por se constituir como sinônimo de um modelo de cinema pautado na crítica aos valores americanos e em procedimentos de produção que extrapolavam os modelos hollywoodianos padronizados"<sup>34</sup>. Altman deveria ser assim compreendido, no interior desse âmbito de questões, a partir da tensão existente entre os princípios das concepções de diretor (o "cinema autoral" europeu) e os aspectos do "cinema comercial" da indústria cinematográfica de *Hollywood*<sup>35</sup>. Em suma: "[...] no início dos anos 1980, a 'crise' diagnosticada pela crítica a qual Robert Altman enfrentava insere-se nas mudanças das políticas que se estruturavam na indústria fílmica e no país, naquele momento"<sup>36</sup>. Na época, as prioridades de investimentos da governança do presidente Ronald Reagan voltavam-se, em primeiro lugar, para o incremento da indústria bélica do país e, em seguida, às confecções de obras fílmicas *hollywoodianas*<sup>37</sup>. Por quê será?

Há certamente muitos outros pontos importantes dos quais poderíamos apontar na obra do historiador Flávio Trovão. Mas optamos nesse momento por debruçarmo-nos sobre alguns deles apenas. Parece-nos de todo modo fundamental evidenciar num último ato de resenha, alguns outros aspectos os quais consideramos relevantes.

No processo de análise fílmica de *O Exército Inútil* de Altman, Trovão, como nos conta em sua obra, não obteve acesso direto ao roteiro de filmagem (escrito por David Rabe) e, por este motivo, utilizou o texto dramaturgico de *Streamers*<sup>38</sup>. Isso teria a ver com as dificuldades em relação às possibilidades de acesso às fontes para

---

<sup>32</sup> Ibid., p. 155.

<sup>33</sup> Cf. Ibid., p. 156-157.

<sup>34</sup> Ibid., p. 157.

<sup>35</sup> Cf. Ibid., p. 156.

<sup>36</sup> TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. Robert Altman e Hollywood no início dos anos 1980. In: Ibid., p.160.

<sup>37</sup> Cf. TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. Robert Altman e Hollywood no início dos anos 1980. In: Ibid., p. 160-172.

<sup>38</sup> Cf. TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. Introdução. In: Ibid., p. 21.

investigação, no momento do processo de produção de sua operação historiográfica: Trovão doutorou-se no ano de 2010. Isto parece nos sugerir que as bases de dados disponíveis até então nos mais diversos meios eletrônicos, para o historiador, ainda não são suficientes. Por outro lado, há um dado elementar a emergir dessas questões. Ter utilizado o texto dramaturgicamente escrito por Rabe, na análise fílmica da obra de Altman, torna evidente o diálogo estabelecido pelo cineasta entre cinema e teatro<sup>39</sup>.

Finalmente, se pensarmos o "tempo interpretador"<sup>40</sup>, isto é, o tempo presente da historiografia de Trovão em sua relação com o passado representado em *O Exército Inútil* e à luz do momento da produção fílmica, traremos à tona aspectos já evidenciados pelo autor a respeito do reconhecimento da trajetória cinematográfica de Altman, dos movimentos sociais em torno de questões raciais e sexuais, bem como, de aspectos políticos contemporâneos (em especial, a eleição de Barack Obama para presidente dos Estados Unidos em 2008). Sob tal perspectiva, o historiador Flávio Trovão nos instiga a refletir, a partir da leitura de seu trabalho, sobre questões do tempo presente evidenciadas sob seu olhar, ao historiar certos 'passados'. E, motivados por certo efeito estético, saímos de sua obra imaginando a ressignificação possível, nos dias de hoje, das questões trabalhadas em *Streamers* por Rabe e Altman entre as décadas de 1960-1970 e 1980. Isso leva-nos a afirmar que os soldados Billy, Roger, Richie, Carlyle, e os sargentos Rooney e Coke são de algum modo nossos contemporâneos.

**RESENHA RECEBIDA EM ABRIL DE 2013.**

**PUBLICADA EM JUNHO DE 2014.**

---

<sup>39</sup> Nesse sentido, vale a pena conferir as reflexões historiográficas elaboradas a partir das interlocuções possíveis entre teatro e cinema, no ensaio: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela. *Terra em Transe e O Rei da Vela: estética da recepção e historicidade*. **CONFLUENZE** Vol. 4, No. 2, 2012, p. 124-141, ISSN 2036-0967, Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne, Università di Bologna. Disponível em: <http://confluenze.unibo.it/article/view/3436>. Acedido em: 06/09/2014.

<sup>40</sup> Cf. VESENTINI, Carlos Alberto. **A teia do fato**. Uma proposta de estudo sobre a Memória História. São Paulo: Hucitec, 1997.